

O músico estadunidense em temporada no Sacatar



Divulgação

Arquivo família Smetak / Divulgação

Walter Smetak com uma de suas criações



GILSON JORGE

Em 2014, o saxofonista estadunidense Neil Leonard veio a Salvador participar da 3ª Bienal da Bahia. Por indicação dos organizadores do evento, foi à Galeria Solar Ferrão conhecer a obra do músico, professor e inventor suíço Walter Smetak (1913-1984), cujo centenário de nascimento havia sido celebrado no ano anterior.

Leonard ficou particularmente encantado com o Pindorama, um gigantesco instrumento de sopro concebido para ser tocado por 24 músicos simultaneamente.

Em uma conversa com o músico Tuzé de Abreu, o saxofonista escutou que quando todos executavam as notas ao mesmo tempo, era possível ter uma sensação similar ao brilho do sol sobre a água.

Depois de conhecer 150 instrumentos criados pelo mago suíço, e de conversar com filhos do músico a respeito de seu legado, Leonard escreveu em inglês um artigo chamado *Os Instrumentos místicos de Walter Smetak*, em tradução livre, que foi publicado na revista canadense *Music Works*, em 2015.

Depois de uma contínua correspondência com Bárbara Smetak, filha do suíço, este ano o saxofonista voltou à Bahia com uma bolsa de estudos para a residência artística do Instituto Sacatar, na Ilha de Itaparica, disposto a mergulhar no universo do grande inventor, além do seu legado musical.

"Conheci a história de um ermitão da ilha, Venceslau, que conviveu com Smetak", declara o saxofonista, um pesquisador dos processos musicais nos chamados norte global e sul global, que se declara encantado com a história que o suíço construiu nos trópicos.

"Todos fazemos parte de uma mesma cultura, mas eu agora penso em como usar o que aprendi com Smetak, respeitando o seu legado. Não posso fazer o que ele fez, tenho que construir algo novo", diz Leonard.

Um dos aspectos da vida do suí-

Músico norte-americano Neil Leonard dialoga com obra de Walter Smetak durante residência artística no Instituto Sacatar, em Itaparica

Respeito ao legado



Marcelo Reis / Divulgação

Instalação de Leonard no Solar Ferrão, Pelourinho

ço que interessaram Leonard foi o seu envolvimento com a Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE), uma associação espiritual criada em 1924 com o objetivo de ajudar as pessoas a viverem em harmonia com o universo.

Pirâmide

A sede da SBE fica na Ilha de Itaparica e pode ser vista com facilidade desde o Porto da Barra. É uma pirâmide com 22 metros de altura. "A sociedade teve um impacto muito grande na vida e obra

de Smetak", destaca.

Smetak, na verdade, se aproxima da SBE antes de chegar à Bahia, quando ainda trabalhava no eixo Rio-São Paulo. Essa experiência levou o músico de formação clássica, e que veio ao Brasil trabalhar na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, a se dedicar a uma nova musicalidade.

No final da década de 1950, Smetak vem a Salvador a convite da Universidade Federal da Bahia (Ufba) para dar aulas nos Seminários Livres de Música, um projeto

criado pelo reitor Edgard Santos. Nesse momento, a Escola de Música da Ufba era frequentada por jovens talentos como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, e o próprio Tuzé de Abreu. A música de Smetak se tornaria então fundamental para o movimento tropicalista, que explodiria uma década depois.

Algumas das descobertas feitas por Leonard em suas pesquisas, entretanto, eram novidade inclusive para Bárbara Smetak, como a história do ermitão da ilha. "Eu não

sabia da existência de Venceslau, mas ele está presente em um álbum de família. Só agora através do Neil e do Augusto, do Sacatar, que pesquisa sobre a vida de Venceslau", declara Bárbara.

Para ela, o trabalho do Neil é interessante pelas descobertas que faz e também com o objetivo de chamar a atenção dos órgãos responsáveis pela cultura na Bahia. "Como é que vem um músico, professor, diretor, dos Estados Unidos, com o olhar atento para a obra de Smetak e o patrimônio dele está aqui, dessa forma, fechado, guardado, esquecido?", questiona Bárbara.

Acirapati

Entre 18 e 30 de abril, parte do acervo de Smetak, que compõe a exposição *O Alquimista do som*, fechada desde antes da pandemia, esteve em exibição no Solar Ferrão durante a exibição de instalações de Neil Leonard, que também apresentou no dia 19 a performance musical *Sons Acirapati*.

Acirapati é uma brincadeira com a inversão da palavra Itaparica, onde Leonard esteve por dois meses. A performance na galeria contou com a participação do violoncelista Marcos Roriz, da cantora lírica Aishá Roriz e do violinista Ícaro Smetak.

Ícaro, aliás, é um dos responsáveis pela curadoria do site poeticadesmetak.com.br, juntamente com Uibitu Smetak e Tuzé de Abreu. "Eu estou feliz porque pelo menos durante a mostra o público pôde ter acesso a parte da obra de Smetak, mas seria bom se a exposição fosse permanente", afirma Leonard.

Nascido no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, em 1959, Neil Leonard é o diretor artístico do Berklee College of Music's Interdisciplinary Arts Institute, além de atuar como investigador no programa de Artes, Cultura e Tecnologia do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Além de ser saxofonista, ele trabalha também com música eletrônica e trabalhos para orquestras, instalações de vídeo/áudio para música, teatro e performances.